

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v8.n2.004



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

A PALAVRA CORAÇÃO NO LIVRO DE SALMOS: RESGATANDO A IDENTIDADE HUMANA EM UM MUNDO FRAGMENTADO

The word heart in the book of Psalms: rescuing human identity in a fragmented world

Werbston da Silva Coelho¹

RESUMO

O presente artigo demonstra que a crise da humanidade vivida em tempos hodiernos é, antes de tudo, antropológica, envolvendo a má compreensão do que vem a ser a natureza humana, qual sua origem e constituição. A modernidade fragmentou o ser humano em tantas partes quanto se pode imaginar, ao mesmo tempo em que transportou para o indivíduo o fardo de pertencer a si mesmo. Definir uma identidade, proporcionar sentido e propósito à sua existência, além de viver uma vida autêntica e autônoma, são apenas algumas das facetas desse tremendo peso que a humanidade impôs a si. Nesse sentido, a antropologia bíblica possui um papel fundamental em descortinar o que o ser humano é e a quem ele pertence. A palavra coração no livro de Salmos ajudará a revelar o que as Sagradas Escrituras dizem acerca do dilema humano e qual o único ser capaz de resolvê-lo.

Palavras-chave: Humanidade. Autopertencimento. Coração. Antropologia bíblica.

ABSTRACT

The present article shows that the crisis of humanity experienced in modern times is first and foremost anthropological, involving a misunderstanding of what human nature is in its origin and constitution. Modernity has fragmented the human being into as many parts as can be imagined, while at the same it has placed on the individual the burden of

¹ Mestrando em Teologia Profissional das Faculdades Batista do Paraná. Professor de Antigo Testamento da Faculdade Cidade Teológica Pentecostal em Fortaleza/Ce. Graduação em Direito, Especialização em Direito e Processo do Trabalho. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-6785-3022> E-mail: werbston@yahoo.com.br

belonging to oneself. To define an identity, to provide meaning and purpose to one's existence, as well as to live an authentic and autonomous life, are just some of the facets of this tremendous weight that humanity has imposed on itself. In this sense, biblical anthropology has a fundamental role in unveiling what the human beings are and to whom they belong. The word heart in the book of Psalms will help to reveal what the Holy Scriptures speak about the human dilemma and who is the only being capable of resolving it.

Keywords: Humanity. Self-belonging. Heart. Biblical anthropology.

INTRODUÇÃO

Há algo que se quebrou no percurso da existência humana. Por mais que se tente negar, por maiores que sejam os esforços em dar as mais diversas explicações para mascarar a dor e a angústia que se abatem sobre o ser humano, parece haver um sentimento comum de que há algo desesperadamente errado. Um reiterado sentimento de inadequação informa a cada indivíduo e o leva a crer que, de fato, em algum momento, por algum motivo, falhou-se na arte de viver. Desde então, é como se a humanidade se tivesse perdido de si mesma. Há uma consciência comum que confronta a coletividade e a remete a um sentimento de culpa.

Se o ser humano se sente culpado é porque precisamente é culpado. A antropologia bíblica possui uma resposta para esse problema humano. Ele tem nome e sobrenome: pecado original. Mas o presente artigo não tratará da doutrina do pecado, ainda que esta seja fundamental para a compreensão do que aqui se irá denominar de crise da humanidade. Analisar-se-á a outra face dessa realidade espiritual, partindo da premissa de que o pecado é o elemento corruptor de toda ação humana.²

Nesse sentido, não basta identificar o cerne do problema. É preciso saber quais ferramentas se deve utilizar para solucioná-lo. Ainda que essa ideia pareça, em princípio, algo pragmático e até mesmo simplório demais para uma questão tão mais profunda, o fato é que os mecanismos de que a sociedade lança mão para lidar com a situação atual da humanidade podem determinar a diferença entre o aprofundamento e a solução da crise. Não é por outra razão que a discussão deve perpassar necessariamente pela maneira como se tem compreendido a natureza humana.

A proposta da antropologia contemporânea passa iniludivelmente pela falácia do autopertencimento. A história contada é que todos são donos de si, pertencem a si mesmos e, assim, são os únicos responsáveis por definir a própria identidade e encontrar um propósito de vida. Ao tempo em que o ser humano hodierno se inclui no centro de sua própria vida, retira Deus da equação e se torna juiz e salvador de si mesmo. Nem precisa dizer que o fardo imposto é tamanho que é certo que alguém vai sair machucado com isso.

Os resultados são precisamente apresentados por Noble:

Alguns embriagam-se, outros optam por antidepressivos controlados [...]. Alguns comem, [...], alguns se submergem na pornografia, alguns jogam vídeo game, [...], alguns se tornam fãs obcecados de K-Pop, alguns rolam

² MACARTHUR, John. **Introdução ao aconselhamento bíblico**: um guia de princípios e práticas para líderes, pastores e conselheiros. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2016.

infinitamente a *timeline* do Instagram, [...], alguns discutem na internet, [...], alguns protestam *online*, alguns protestam para se tornarem famosos *online*, [...] alguns tentam suicidar-se, [...], alguns sonham acordados em serem diagnosticados com alguma doença que justifique sua própria mediocridade, [...], alguns descobrem uma nova identidade, alguns modificam seus corpos, alguns modificam suas dietas, alguns abraçam o vitimismo, alguns zombam do vitimismo.³

Esse é o estado dos filhos da atual geração. Por acreditarem na mentira fundamental da modernidade de que pertencem a si mesmos, correm atarantados e desgovernados em todas as direções existenciais, como atores de um teatro grotesco. Precisam ser informados urgentemente de que pertencem unicamente a Deus. No final das contas, a batalha a ser travada envolve a reconquista do coração humano. Trata-se de contrapor a antropologia contemporânea na qual foram ensinados e da qual, em certo sentido, são vítimas, à antropologia bíblica, única capaz de redirecionar o âmago do ser humano para quem realmente faz pertencer e convergir a si todas as coisas.

O objetivo deste artigo, portanto, é mostrar aspectos da antropologia bíblica que redireciona o ser humano para Deus, a partir da palavra coração na literatura poética, mais precisamente no livro de Salmos. O pressuposto é de que não há como se entender o ser humano e sua relação com Deus sem saber como a revelação bíblica compreende e define a própria humanidade. Nesse sentido, nada melhor do que investigar o significado de *lēb/lēbāb*⁴ (coração), palavra central em tema de antropologia bíblica veterotestamentária.

Antes disso, é preciso entender o estado atual da humanidade. Quais as alternativas que a sociedade contemporânea tem ofertado e em que medida elas têm sido eficazes para colmatar as lacunas existenciais que não param de se expandir em um contexto de crise global e, por que não dizer, humanitária, no sentido mais visceral da expressão. Apesar dos indiscutíveis avanços nos campos da ciência e tecnologia, a sensação é que se está regredindo, enquanto humanidade. Uma virada antropológica é medida que se impõe. É o que se está a propor com o presente escrito.

1. ANTROPOLOGIA CONTEMPORÂNEA: A PERSPECTIVA DE UM MUNDO CAÍDO

O mundo é um lugar sem janelas. É como se todos estivessem presos à caverna de Platão, rodeados por pedras e alijados da luz solar e do contato com a criação. O problema é que a humanidade não foi feita para viver assim.⁵ Noble compara a situação dos ocidentais contemporâneos a uma doença que acomete principalmente leões enjaulados em zoológicos espalhados pelo mundo, denominada de zoocose. Essa patologia interfere diretamente no comportamento desses animais exuberantes, que passam a caminhar compulsivamente ao

³ NOBLE, Alan. **Humanidade em crise: o fardo de pertencer a si mesmo**. São José dos Campos: Fiel, 2022.

⁴ VANGEMEREN, Willem, A. **Novo dicionário internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. As transliterações de palavras hebraicas utilizadas nesta pesquisa tomarão como base este dicionário.

⁵ GUINNESS, Os. **A grande busca pelo sentido da vida**. São Paulo: Mundo Cristão, 2022.

redor da jaula, como se estivessem à procura de seu verdadeiro lar, que nunca volta a ser o que era antes, por melhores que sejam as condições de habitabilidade.⁶

A humanidade atual é como um bando de leões em cativeiro. A sociedade contemporânea cerca a todos dos melhores especialistas, que entendem mais sobre vida humana do que o próprio indivíduo entende sobre si mesmo. Eles diagnosticam o problema, ampliam as condições de vida, medicam o ser humano, fazem-no crer que, “agora, sim, ficou mais confortável”, mas o fato é que não conseguem aplacar o sentimento de necessidade da humanidade por algo que vai além da “jaula” ou da “selva de pedra” que prepararam para ela. Tal como ocorre com os leões, o espaço especialmente criado parece sempre inadequado, porque muito provavelmente foi feito para um tipo de humano que efetivamente não existe.

A verdade é que algo se perdeu no meio do caminho. A Palavra de Deus deixa claro que o paraíso perdido se chama Éden, lugar onde o ser humano se encontrava com Deus no cair da tarde e, naturalmente, consigo mesmo, em plena e profusa alegria e contentamento. Lá, o ser humano não era – nem pretendia ser – o centro de todas as coisas. Este lugar já tinha dono. Na realidade, Éden era apenas o nome da região onde se localizava o jardim. O ambiente em que o primeiro casal (Adão e Eva) encontrava o sentido e o propósito de sua existência era o próprio Deus. Mas, então, veio a queda.

Num mundo caído, fora dos portões do Éden, foi imposto à humanidade um novo *habitat*. A terra passou a ser rodeada de dor e sofrimento, e foi amaldiçoada por Deus por causa do pecado. Todos foram expostos a uma realidade em contínua degradação. Vestígios da queda são vistos por todos os lados: cemitérios; presídios; hospitais; forças policiais; guerras; pandemias; catástrofes naturais; violência urbana; crianças abusadas e idosos abandonados; moradores de rua se arrastando como resíduos humanos nas cidades. Este o vale de lágrimas imposto à humanidade, por causa da queda. Daí a importância de se resgatar a verdadeira humanidade que habita em cada um. O problema, assim, é eminentemente antropológico. Noble menciona que:

De algumas maneiras, a história humana é a história dos equívocos de cada civilização a respeito de alguma faceta da antropologia, com resultados terríveis. Portanto, meu argumento não é que o mundo moderno trouxe uma novidade quando interpretou equivocadamente a natureza humana. Em vez disso, pergunto de que maneiras a sociedade moderna equivocou-se a respeito dos seres humanos e quais são as implicações dessa antropologia falsa.⁷

Um diagnóstico preciso da humanidade em crise parece levar à conclusão de que se vive em uma sociedade adoecida pelo fardo de pertencer a si mesma. Se o ser humano assume inteira responsabilidade por sua vida, significa dizer que tudo o que dela decorre compete somente a ele e a ninguém mais. Assim é que deve responder por sua sobrevivência, alimentação, abrigo, segurança e proteção. Em um nível mais profundo, deve ele a si mesmo uma razão para viver e é de sua alçada dar uma direção satisfatória à sua caminhada nesta

⁶ NOBLE, 2022.

⁷ NOBLE, 2022, p. 27.

terra. Também seria ele responsável por avaliar as próprias ações e submetê-las ao crivo de uma ética que não é exterior a si ou simplesmente lhe foi ofertada. Deve se pautar por valores encontrados em si mesmo e a partir dos quais absolve ou condena suas próprias condutas.

Justamente porque acreditou-se na ilusão de que o domínio e o controle de todas as coisas sofrem os influxos de uma espécie de onipotência humana é que tem se desenvolvido cada vez mais o mito da autonomia, expressa em frases como “meu corpo, minhas regras”, “não importa o que pensam a meu respeito, mas o que penso sobre mim mesmo” e “eu sou meu; ninguém é dono de ninguém”. O mais irônico é que, por outro lado, todos querem ser reconhecidos, identificados, compreendidos. É como se todos estivessem em sua própria jornada de autorreconhecimento e autoexpressão, mas, ao mesmo tempo, presos em uma sala “[...] gritando o próprio nome para que todos os outros saibam que eles existem e quem são – que é uma descrição razoavelmente adequada das mídias sociais”.⁸

A antropologia contemporânea auxilia no aprofundamento dessa crise existencial, ao fragmentar o ser humano. Sob os auspícios de uma modernidade líquida, promove-se formas as mais diversas de se “estabilizar” uma identidade infinitamente volúvel, reunidas na fórmula “você pode ser quem quiser até descobrir o seu verdadeiro eu; sua melhor versão”. É como se o líquido que o ser humano é ou se tornou pudesse ser adequado a diferentes recipientes sólidos, que podem se traduzir concretamente em uma causa social, em um estilo de vida minimalista ou opulento, na busca de uma forma física perfeita ou na procura obsessiva por reconhecimento (“likes”) nas redes sociais. As possibilidades são realmente infinitas.

O problema é que essa identidade nunca se “estabiliza”, justamente porque a luta incessante por pertencimento não pode ser vencida pela opinião que se tem a respeito de si mesmo. Muito menos pela opinião do outro, que está tão perdido quanto. Precisa-se de uma testemunha exterior que satisfaça o anseio humano por validação. Alguém cujo olhar efetivamente autentique a humanidade e que não apenas a reconheça, mas a conheça mais do que a si mesma. Em suma, um que não precise “[...] de que alguém lhe desse testemunho a respeito do homem, porque ele mesmo sabia o que era a natureza humana” (Jo 2.25)⁹. É com base nesse testemunho das Escrituras que se buscará o que efetivamente há no ser humano e qual sua repercussão para uma humanidade em crise. A seguir, observar-se-á o que o Antigo Testamento, mais precisamente o livro de Salmos, tem a dizer sobre os aspectos mais intrínsecos da condição humana.

2. ANTROPOLOGIA VETEROTESTAMENTÁRIA E A PALAVRA CORAÇÃO

Há vasta literatura que trata da antropologia veterotestamentária, mas a obra de Wolff é considerada, sem dúvida, um clássico do século XX sobre o tema.¹⁰ Foi esse grande teólogo alemão quem lançou as bases daquilo que ele mesmo passou a chamar de ‘estereometria da

⁸ NOBLE, 2022, p. 49.

⁹ Todas as passagens bíblicas adotadas neste artigo serão da seguinte versão bíblica: A BÍBLIA sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. rev. e atual. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

¹⁰ MADUREIRA, Jonas. *Inteligência humilhada*. São Paulo: Vida Nova, 2017.

expressão ideativa'.¹¹ Em suas pesquisas Wolff descobriu que termos bíblicos como “alma”, “coração”, “carne” e “espírito” perderam muito do seu sentido mais profundo quando transplantados para a língua grega, em razão de passarem a ser tratados, na maioria das vezes, em oposição mútua, querendo significar partes distintas do ser humano.

O pressuposto básico de Wolff é que tais conceitos, não raro, definem o ser humano como um todo, à semelhança do que ocorre com o ‘paralelismo de membros’ em algumas passagens do Antigo Testamento, como, por exemplo, no Salmo 84.2. No referido texto, “alma” e “coração” não significam partes distintas do ser humano, mas se referem ao homem em sua integralidade. É isso que define o método sintético-estereométrico no pensamento veterotestamentário, que se vale majoritariamente de imagens para transmitir conceitos, diversamente do que ocorre com o pensamento helênico, do qual nossa sociedade sofreu forte influência, e que lança mão de conceitos para comunicar outros conceitos.

A implicação de toda essa engenhosa construção teológica não pode ser outra senão o fato de que a palavra “coração”, no livro de Salmos, assim como em todo o restante do texto veterotestamentário, parece significar algo que vai além do órgão do corpo humano (*Kardia*). A esse respeito, é o próprio Wolff quem nos informa que a palavra coração é a mais importante da antropologia do Antigo Testamento e que “Na forma mais corrente, [leb], ocorre 598 vezes no Antigo Testamento; na forma [lebab], 252 vezes; [...] no livro de Daniel, uma vez [leb] e sete vezes [lebab]; portanto, ao todo, encontra-se 858 vezes, sendo, com isso, a noção antropológica mais frequente”.¹² O mesmo autor associa a palavra coração às esferas corporal, emocional e volitiva, enfatizando que “[...] a Bíblia vê no coração do ser humano, antes de mais nada, o centro do ser humano que vive de modo cômico. [...] o coração é chamado para ter juízo, principalmente para a percepção da palavra de Deus”.¹³ E Jonas Madureira complementa,

A antropologia bíblica não pressupõe que o coração seja o intelecto, mas, sim, que o coração seja o centro de tudo o que o homem é. Isso vale também para o intelecto [...] É verdade que o coração é o lugar das deliberações e decisões mais importantes da vida de uma pessoa, e que essas deliberações pressupõem a faculdade da razão. No entanto, o coração é também o lugar em que o homem enfrenta a maior de todas as suas batalhas. Essa batalha não é meramente racional, mas é central, isto é, trata-se de uma luta pela centralidade não somente dos nossos raciocínios, mas também das nossas vontades, emoções e decisões.¹⁴

Daí porque o presente artigo se volta essencialmente para o coração humano. E assim o faz na certeza de que esse elemento constitutivo de nossa natureza vai muito além do órgão físico (*kardia*), como dito anteriormente. Prova disso é o interessante relato da morte de Nabal, em 1 Samuel 25.37, em que o escritor revela sem qualquer constrangimento que o lèb do personagem “se amorteceu”, mas o homem morreu somente dez dias depois (25.38).

¹¹ WOLFF, Hans Walter. **Antropologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2014. Edição do Kindle.

¹² WOLFF, 2014, p. 87.

¹³ MADUREIRA, 2017, p. 113.

¹⁴ WOLFF, 2014, p. 221.

Embora a linguagem sintética do texto bíblico deixe o leitor moderno atônito, o fato é que se está afirmando a claras letras que há uma nítida distinção entre o pulso (batimentos cardíacos) e o lēb. Na passagem, o coração parece se identificar mais com algumas partes do cérebro, que teriam paralisado todas as funções corporais até finalmente gerar a morte.¹⁵

O coração também é entendido pelos escritores veterotestamentários como algo inacessível, inescrutável ou desconhecido, oculto no interior do corpo. Assim é que Provérbios 30.18,19 fala em “coração do mar”, entendido como o mar alto ou inexplorado. Do mesmo modo, Jonas 2.3, no qual o profeta afirma: “Pois me lançaste no profundo, no coração dos mares [...]”. Por sua vez, quando esse sentido da palavra coração é aplicado ao ser humano, ele se contrapõe à aparência externa: “[...] porque o Senhor não vê como o homem vê. O homem vê o exterior, porém o Senhor, o coração.” Chega-se aqui a um ponto importante: embora o coração seja considerado como algo escondido e não revelado ao conhecimento humano, Deus perscruta os corações (Pv 15.11). E o Salmo 44.21 informa que “porventura não teria atinado Deus, ele, que conhece os segredos dos corações?”¹⁶

Uma importante aplicação da palavra coração relaciona seu sentido com outra igualmente relevante em antropologia do Antigo Testamento: *nepeš*, que significa literalmente “garganta”. O simbolismo da linguagem hebraica, já ressaltado em linhas anteriores, deu conta de direcionar a palavra *nepeš* para um sentido mais profundo. O texto de Gênesis 2.7 expõe essa perspectiva a clara letras. Nele, *nepeš* é traduzida por alma. O que o texto bíblico está dizendo é que quando Deus soprou nas narinas do homem o fôlego da vida ele *se tornou* alma vivente. Pode-se concluir, inicialmente, que o homem não *tem* alma; ele *é* alma. Mas alma é a tradução da palavra *nepeš*, que, como dito, tem como um de seus significados “garganta”, mais associada pela cultura hebraica aos conceitos de fome e saciedade.

A esse respeito, Madureira se expressa de modo lapidar:

O homem não é ‘garganta’ literal, mas, sim, como a *néfesh*, a saber: faminto, insaciável, desejante, necessitado. Em outras palavras, quando Deus soprou nele o fôlego de vida, o homem se tornou fome, apetite, desejo, necessidade. Perceba a riqueza dessa imagem. O homem não *tem* fome; o homem *é* fome. O homem não *tem* desejo; o homem *é* desejo. O homem não *tem* necessidade; o homem *é* necessidade. Nesses termos, entendemos que “alma” [...] não é algo que o homem possui, mas algo que o caracteriza essencialmente. Portanto, o homem todo é desejo. Ele foi criado para ser integralmente desejo, fome, sede, necessidade. Do quê? De quem? Unicamente de Deus.¹⁷

Interessante notar que esse elemento da essência humana, cristalizado no texto da Torá, é revisitado no livro de Salmos, desta feita sob uma nova roupagem, que não é outra senão a palavra lēb. O Salmo 21.2 expressa nos seguintes termos a gratidão do rei: “Cumpriste o desejo do seu coração, não lhe negaste o que os seus lábios pediam”. Aqui, a palavra coração

¹⁵ WOLFF, 2014, p. 88.

¹⁶ WOLFF, 2014, p. 92-93.

¹⁷ MADUREIRA, 2017, p. 212-213.

é associada a desejo da mesma forma como se dá com nepeš, de maneira que, pelo menos nesse texto, as palavras coração e alma, no sentido de aspiração e desejo interior e mais oculto do ser humano, estão intimamente relacionadas.

Já se pode entrever o papel fundamental da palavra coração na definição do que é o ser humano e sua essência. Não obstante, é preciso se debruçar um pouco mais sobre o livro de Salmos para dele extrair uma teologia bíblica que claramente direciona o coração humano para o seu maior desejo, o próprio Deus.

3. A TEOLOGIA DOS SALMOS

O livro de Salmos é uma reunião de cânticos judaicos. Por isso, não se pode falar que é apenas um livro. Na verdade, Salmos é uma coletânea deles em forma de canções poéticas. Escrito por diferentes pessoas (não só Davi os escreveu), vê-se cada uma delas devotadas a Deus em todas as situações da vida. Mas não há ali somente canções. Tem-se também louvores, petições, intercessões, confissões, agradecimentos a Deus e imprecações. De uma forma geral, nos Salmos encontra-se Cristo, inclusive profecias a seu respeito (os chamados Salmos messiânicos), além de um convite zeloso e devotado ao louvor e exaltação a Deus em toda e qualquer circunstância. Assim, o cenário principal para a compreensão do saltério é o culto e a prática da adoração de Israel a Deus no templo.

Verifica-se em Salmos uma doutrina de Deus muito bem definida. Embora os Salmos tratem de diversos dilemas pessoais do salmista, descrevendo o ser humano em seus mais variados aspectos existenciais, o que mais chama a atenção é que o escritor sempre se volta para Deus, e não para si próprio. Nesse sentido, os salmos são o Antigo Testamento em miniatura, que sempre está a exaltar e a glorificar a pessoa do único Deus, além de apontar para a figura do Messias prometido. Pode-se falar, assim, na expressão *O Senhor* para resumir a revelação sobre Deus em Salmos. O Senhor é o criador (8; 104); o seu governo se estabelece através de uma justiça perene (11; 75); a bondade do Senhor (34) é inseparável de sua santidade (103), tendo como contraponto sua ira (38) e o Senhor é pastor tanto do seu povo, como um todo (80), quanto de cada indivíduo (23).¹⁸

Especificamente acerca do Deus criador, interessante notar o caráter disruptivo da revelação bíblica em comparação com os relatos das divindades do Antigo Oriente Próximo (Mesopotâmia, Canaã e Egito), que se manifestavam como entidades tão próximas da realidade material e humana que quase podiam ser consideradas dependentes de suas criaturas. Já o Deus de Israel era “anterior e superior à criação. [...] Salmos apresenta Javé como criador e, portanto, autoridade suprema sobre a criação e sua história”.¹⁹

Os Salmos também tratam de um grande ideal, um espelho da verdade colocado diante de cada rei, apontando para aquele em quem tudo terá seu cabal cumprimento. Assim, uma outra expressão que bem pode resumir a doutrina de Deus em Salmos é a frase *O Rei*. O rei

¹⁸ CARSON, D. A.; FRANCE, R. T.; MOTYER, J. A.; WENHAM, G. J. **Comentário bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2020, p. 737.

¹⁹ PINTO, Carlos Osvaldo. **Foco & desenvolvimento no Antigo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Hagnos, 2014, p. 482.

enfrenta a oposição do mundo (2.1-3; 110.1), mas se sagra vencedor pelo braço do Senhor (45.3-5; 2.6,8); o Rei estabelece um governo mundial (2.8-12), com sede em Sião (2.6) e cuja marca é a moralidade (45.4-6); o seu governo é eterno (21.4); Ele é amigo dos pobres e inimigo da opressão (72.2,4). Por fim, Ele é o descendente de Davi (132.11), sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque (110.4) e tem natureza divina (45.6).²⁰

No que diz respeito à palavra hebraica *melek* (rei), Pinto ressalta que ela aparece 67 vezes no livro de Salmos, sendo 23 delas com referência à lavé. E não apenas exaltando sua realeza, mas também apontando frequentemente para as qualidades esperadas do rei ungido do Senhor, como o cuidado com seu povo refletido na atenção às camadas mais frágeis da população (órfãos, viúvas e pobres). O rei, no entanto, era mais que um líder terreno em Salmos.²¹ Para Kidner, “[...] permanece verdade que boa sorte da nação se vinculava a ele, e que algo da glória de Deus se via nele”.²²

Como se vê, o conhecimento de Deus, seja através da revelação de quem ele é, seja por meio de quem ele ungiu como rei, é fundamental para se chegar ao âmago da natureza humana. E os salmistas entenderam bem essa premissa. Por outro lado, não se esqueceram de destacar quem seria o ser humano perante Deus, quais seus dilemas e qual sua natureza e essência. Passa-se, na sequência, a investigar quem é o ser humano a partir do livro de Salmos.

3.1 A doutrina do ser humano no livro de Salmos

A cosmologia do Antigo Oriente Próximo revelava um sistema fechado, em que deuses, humanos e a natureza coexistiam e se confundiam entre si. Não havia nada fora da ordem criada. O domínio da humanidade, o domínio da natureza e o domínio dos deuses pertenciam ao mesmo plano de existência e influência. O ser humano, por sua vez, era tido como um incômodo imprevisto (*Enuma Elish*), que causava insônia nos deuses porque eram muito barulhentos (*Épico de Atrahasis*), servindo apenas para aliviá-los do trabalho penoso.²³

O relato de Gênesis, contudo, mostra um quadro sensivelmente diverso, em que a humanidade e sua expansão são uma bênção desejada por Deus e um sinal de obediência. Para os israelitas, o ser humano é alguém dotado de nobreza, criado à semelhança de Deus, embora seja totalmente diferente dele. “Parece que os salmistas presumiram o relato de Gênesis e o usaram para expressar seus pensamentos sobre o homem em toda complexidade de sua natureza [...]”.²⁴

Para os salmistas, o aspecto metafísico da constituição humana não era tão importante quanto o relacionamento que o ser humano estabelece com Deus e com o próximo. Embora a revelação esteja em progresso no livro de Salmos, a maneira sintética do pensamento hebraico ajuda a criar um quadro de definição do que é o humano, no qual o todo prevalece sobre as partes. Nas palavras de Pinto, “o poder divino ativo que impulsiona o homem – seu

²⁰ CARSON; FRANCE; MOTYER; WENHAM, 2020, p. 738.

²¹ PINTO, 2014, p. 482.

²² KIDNER, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 31.

²³ VOGT, Peter. *Interpretação do Pentateuco: um guia prático e indispensável manual de exegese*. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

²⁴ PINTO, 2014, p. 492.

espírito (rûah) e seu corpo de barro formam uma unidade funcional que, como uma escultura vista por ângulos diferentes, é várias vezes descrita ao longo de Salmos”.²⁵

Nesse sentido, o mesmo autor sustenta que a palavra coração é utilizada em salmos 155 vezes, sendo considerada o termo mais abrangente da antropologia hebraica e significando, no mais das vezes, capacidade para emoções (4.7; 13.2), armazenamento de informações (119.11), quebrantamento (34.18), desejos (37.4), planos (58.2), além de ser a sede do pensamento racional (10.6,13). Observa também que paralelismos frequentes entre os termos lēb/lēbāb e rûah (“espírito”) apontam para a relação íntima entre os dois, sendo lēb/lēbāb um veículo de manifestação do rûah e, em última análise, “[...] os meios essenciais de expressão da personalidade humana”.²⁶

Mas os autores do livro de Salmos também apresentam belos exemplos de como a palavra coração é usada como fonte no qual a sabedoria de Deus pode ser armazenada, principalmente nos mais jovens. Wolff chega a dizer que “na grande maioria dos casos, o coração é caracterizado por funções intelectuais, racionais, portanto, exatamente aquilo que nós atribuímos à cabeça ou mais exatamente ao cérebro”.²⁷ É esta precisamente a forma como o autor do Salmo 119.9-16 se manifesta. Interessante notar que é apresentado o caso de um jovem cuja vida de pureza está sob constante pressão, e que a possibilidade de este jovem levar essa vida pura depende da “orientação da sua vontade (v. 10), do conteúdo dos pensamentos e da memória (v. 11), das preocupações da boca (v. 13) e das emoções (v. 14 e 16)” e arrematam:

A vida exterior (*caminho*) é fruto de fatores interiores, todos contidos na palavra, mas centralizados no Senhor em louvor e instrução (12).⁹ *De que maneira*, uma questão prática, “por quais meios?”. O problema se manifesta exteriormente (9), mas a solução (10-16) é interior.¹⁰ A orientação deliberada (*busquei*) do *coração* (todo o ser interior) em direção a Deus e a prática de orações específicas.¹¹ O coração abastecido com a *palavra* é o remédio para não *pecar*.²⁸

Nesse contexto, pode-se dizer que a palavra coração no livro de Salmos atinge um ponto nevrálgico, com o qual pretende-se encerrar uma ideia central: o coração é a fonte da sabedoria do bom viver. O salmista pede a Deus: “Ensina-nos a contar nossos dias para que o nosso coração alcance sabedoria” (Sl 90.12). O coração não representa apenas a sede da natureza humana criada por Deus com uma identidade, em integridade e dignidade. Ele também determina o modo como a humanidade pensa acerca de si mesmo. Em outros termos, “[...] uma epistemologia é determinada pela antropologia que se adota. [...] Dependendo de como o ser humano é concebido, o projeto epistêmico seguirá em determinada direção”.²⁹

²⁵ PINTO, 2014, p. 492.

²⁶ PINTO, 2014, p. 496-497.

²⁷ WOLFF, 2014, p. 98.

²⁸ CARSON; FRANCE; MOTYER; WENHAM, 2020, p. 857.

²⁹ MIGUEL, Igor. **A escola do Messias**: fundamentos bíblico-canônicos para a vida intelectual cristã. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021, p. 126.

Por essa razão, a sociedade ocidental está fragmentada em sua epistemologia ou na maneira como lida com o conhecimento, tendo como causa a adoção de uma antropologia centrada no humano, que o reduz à indignidade de pertencer a si mesmo. Adota-se, em contraponto, uma antropologia bíblica que entende o ser humano como pertencente unicamente a Deus, porque por Ele foi criado, e encontra somente Nele a resposta aos seus anseios e propósitos mais profundos.

Pelo que até aqui se expôs, não resta dúvida de que a formação da personalidade e da identidade humana não é algo que esteja em processo ou em desenvolvimento, muito menos algo que dependa do esforço humano para se consolidar. Muito ao contrário, o que há de mais intrínseco no ser humano já foi criado pelo próprio Deus e pode ser perfeitamente reunido na fórmula hebraica *lēb/lēbāb*, “pois é o coração que une a mente, à vontade e a emoção, de forma a permitir o surgimento de uma vida integrada, e nos capacita a pensar, desejar e sentir como pessoas integrais”.³⁰ Dessa forma, é preciso enxergar o ser humano como um ser integral, criado por Deus, e que possui no coração o centro religioso e, por isso mesmo, essencial de tudo o que ele é.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De tudo que foi dito até aqui, pode-se concluir que a palavra coração no livro de Salmos expressa o ser humano como uma unidade complexa criada por Deus, que dele retira o mover interior e a capacidade oculta de se expressar em ato e potência. *Lēb/lēbāb* revela o que há de mais profundo na alma humana, seus anseios e aspirações, suas emoções e volições, sua racionalidade e modo de viver. Todo esse conjunto de expressões interiores também remete ao projetista desse ser tão diverso, que, como tal, demanda compreensão e atenção especiais de quem efetivamente pode entendê-lo e atendê-lo em toda a sua sede de sentido e realização plena.

O Deus revelado nas Escrituras é, portanto, o único capaz de tratar o ser humano em sua totalidade, porque o criou inteiro, completo e autêntico. É Ele quem valida a natureza humana, preenche suas lacunas manchadas pelo pecado e, ao fim e ao cabo, a redime com seu olhar contemplador de toda a necessidade existencial que possui.

A palavra coração no livro de Salmos, assim como em todo o texto veterotestamentário, revela o ser humano como único, criado por Deus com um rosto, um nome e uma consciência. Não há uma imagem a ser criada. Ela já existe e é à semelhança de Deus. Não há uma identidade para ser descoberta, porque seus contornos e detalhes são plenamente conhecidos por Deus e jamais estiveram em questão. Não há uma autonomia a ser conquistada, porque ela só nos afasta da dependência de um Deus que nos trata como realmente somos, sem reduzir nossa dignidade e nossa personalidade a uma existência líquida e fragmentada.

³⁰ HOUSTON, James. **A fome da alma**. São Paulo: Abba Press, 2003, p. 20.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. rev. e atual. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

CARSON, D. A.; FRANCE, R. T.; MOTYER, J. A.; WENHAM, G. J. **Comentário bíblico Vida Nova.** São Paulo: Vida Nova, 2020.

GUINNESS, Os. **A grande busca pelo sentido da vida.** São Paulo: Mundo Cristão, 2022.

HOUSTON, James. **A fome da alma.** São Paulo: Abba Press, 2003.

KIDNER, Derek. **Salmos 1-72: introdução e comentário.** São Paulo: Vida Nova, 2015.

MACARTHUR, John. **Introdução ao aconselhamento bíblico: um guia de princípios e práticas para líderes, pastores e conselheiros.** Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2016.

MADUREIRA, Jonas. **Inteligência humilhada.** São Paulo: Vida Nova, 2017.

MIGUEL, Igor. **A escola do Messias: fundamentos bíblico-canônicos para a vida intelectual cristã.** Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021.

NOBLE, Alan. **Humanidade em crise: o fardo de pertencer a si mesmo.** São José dos Campos: Fiel, 2022.

PINTO, Carlos Osvaldo. **Foco & desenvolvimento no Antigo Testamento.** 2.ed. São Paulo: Hagnos, 2014.

VANGEMEREN, Willem A. **Novo dicionário internacional de teologia e exegese do Antigo Testamento.** São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

VOGT, Peter. **Interpretação do Pentateuco: um guia prático e indispensável manual de exegese.** São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

WOLFF, Hans Walter. **Antropologia do Antigo Testamento.** São Paulo: Hagnos, 2014. Edição do Kindle.